

A COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE: IDENTIDADE, LEGITIMIDADE E TERRITORIALIDADE NA CENA DA NOVA ORDEM TECNOCULTURAL.

Eugenia Mariano da Rocha Barichello^{xii}

Resumo

Este trabalho procura entender como a noção de universidade vem sendo atualizada e reinterpretada por intermédio da comunicação e da partilha de significados entre a comunidade universitária e a sociedade. Busca descrever a diferença entre o conceito abstrato de universidade e o movimento da instituição através dos tempos, proporcionado pela comunicação. Conclui que a universidade constrói, por meio de suas práticas comunicacionais, uma dupla identidade: a primeira diz respeito à sua legitimação e resulta, hoje, da posição que ela ocupou na modernidade em relação ao Estado e à cultura nacional; a segunda resulta do projeto coletivo da comunidade universitária, responsável pela inserção particular de cada instituição em um determinado território e por sua atuação concreta.

Palavras chave: comunicação organizacional, universidade, identidade institucional.

Introdução

A intensificação da interdependência transnacional e das inter-relações globais faz com que as relações sociais pareçam cada vez mais desterritorializadas. Dessa forma, propomos o reconhecimento das práticas comunicacionais da universidade, pressupondo que essas práticas permitem à instituição concretizar-se em diferentes espaços e temporalidades.

Essa aparente desterritorialização não resiste a um olhar mais aprofundado, pois, separando o *núcleo abstrato*^{xiii} da universidade e suas diferentes concretizações, podemos identificar, através dos tempos, dois marcos significativos: a presença constante de uma comunidade universitária e a sua atuação através de diferentes modelos e projetos concretizados num espaço e tempo dados.

Conforme Gilles Deleuze, “fala-se hoje da falência dos sistemas, quando é apenas o conceito de sistemas que mudou.”^{xii} Fazendo uma analogia com o conceito de universidade, poderíamos dizer: fala-se hoje em crise da instituição universitária, quando são apenas as bases tecnoculturais para a sua construção que estão se transformando.

A instituição universitária é fruto da revolução demográfica, viária, urbana e comercial que ocorreu entre os séculos XI e XIII. As primeiras universidades, *studia*, nasceram de forma espontânea, nessa época, como resposta à necessidade de criar competências que atendessem às demandas da sociedade.

O termo *universitas*, em latim medieval, significava basicamente duas coisas: por um lado, uma comunidade urbana considerada sob o ponto de vista de sua coesão sócio-estrutural, mas também por sua capacidade de ser “una” e de possuir algum tipo de personalidade jurídica; de outro lado, significava a corporação, a associação de pessoas unidas em torno de um trabalho comum. Só mais tarde, na baixa Idade Média, por analogia com estes dois significados, o termo *universitas* passou a significar o agrupamento específico daqueles - professores e estudantes - que faziam da cultura e do aprendizado o objeto de sua profissão.

Seguindo nossa reflexão, utilizamos novamente o pensamento de Deleuze para ilustrar o conceito de universidade a partir da premissa de que

em primeiro lugar, cada conceito remete a outros conceitos, não somente em sua história, mas em seu devir e suas conexões presentes (...) em segundo lugar, é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis nele: distintos, heterogêneos e todavia não separáveis, tal é o estatuto dos componentes, ou o que define a consistência do conceito (...) em terceiro lugar, cada conceito será pois considerado como o ponto de coincidência, de condensação ou de acumulação de seus próprios componentes (...) o conceito é um incorporal, embora se encarne ou se efetue nos corpos. Mas, justamente, não se confunde com o estado de coisas no qual se efetua...^{xiii}

Acreditamos que a comunicação tem sido a responsável pelas “corporificações” do conceito de universidade através da história. Atualmente, com as novas tecnologias de

comunicação, a universidade, em suas diferentes concretizações, sofre grandes alterações que movimentam o conceito da instituição. Dessa forma, por intermédio de um ponto de vista definido, de um ângulo singular e de uma determinada posição, resolvemos enfrentar essa problemática.

Reinterpretar o conceito de universidade significa procurar a origem da instituição e questionar as razões de seu surgimento. Por isso, no decorrer desta obra, voltamos até a Idade Média para efetuar o resgate desse feito. Porém, as pesquisas realizadas nos levaram a pensar que, se as razões do surgimento da universidade estão na Idade Média, a sensação de crise sentida na contemporaneidade parece ser originada em tempos bem mais recentes, especialmente quando se aprofundaram as relações entre a instituição universitária e o Estado-Nação.

Foi a partir do século XIX, com a corporificação dos modelos nacionais, que o conceito de universidade sofreu uma de suas mais significativas concretizações. Atualmente, assistimos à transformação dessa universidade, mantida pelo Estado e destinada a preservar a cultura nacional, por conta da crise do Estado-Nação, da velocidade de transformações introduzidas pelas novas tecnologias e da implantação do capitalismo informacional.

Na tentativa de entender o movimento da instituição universitária, Michel Foucault também constituiu-se num pensamento fundador para o nosso trabalho, principalmente por seu profundo conhecimento a respeito das instituições, das quais procurava extrair o que chamava de “visível” e o que denominava “enunciável”. Segundo Foucault,

é preciso pegar as coisas para extrair delas visibilidades. E a visibilidade de uma época é o regime de luz, as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas (...) E o enunciável numa época é o regime de linguagem e as variações inerentes pelas quais de não cessa de passar, saltando de um sistema homogêneo a outro.^{xii}

Acreditamos que, através do estudo de alguns dos principais modelos de universidade, resgatamos parte do que foi possível enunciar em diferentes épocas e sob diferentes regimes de visibilidade. Só desse modo consideramos possível testar a consistência do conceito e tentar entendê-lo em suas concretizações.

Pode parecer paradoxal tentar examinar algumas das transformações radicais pelas quais passa a Universidade do nosso tempo, como a desterritorialização e a deslegitimação, entre outras questões que surgirão no decorrer deste trabalho e, ainda assim, apostar na reinterpretação do conceito. Fazer uma aposta nas universidades, na pluralidade, na reterritorialização e na concretude das experiências mesmo diante de uma nova ordem tecnocultural. Tentar articular o global e o local, exatamente na diferença entre o abstrato e a sua concretização.

Para realizar tal intento, recorreremos a nossa experiência e o ponto de partida, bem como o de chegada, é a universidade da qual fazemos parte, a Universidade Federal de Santa Maria/RS. Foi a partir dela, como um território específico, que nos desprendemos para teorizar, para tentar visualizar e entender as transformações pelas quais passa a universidade contemporânea. E foi através dela, principalmente, que pudemos fazer comparações com outros modelos ao longo do trabalho e tecer algumas considerações no final do mesmo.

O resgate da origem da instituição universitária e o acompanhamento histórico de algumas de suas principais concepções e concretizações, levaram-nos até um conceito mínimo, recorrente, que denominamos, no decorrer do trabalho, *núcleo abstrato* da universidade. Essa expressão significa que a universidade é, antes de qualquer função que venha a exercer num determinado tempo ou espaço, *uma comunidade do saber*. Este núcleo nos levou a estudar um outro conceito, o de “comunidade”, que está na base do agir humano e ficou quase perdido entre o indivíduo e o Estado, durante a Modernidade.

Acreditamos que o conceito de comunidade é que possibilita a concretização de uma determinada universidade. Através da comunidade universitária é construída a identidade coletiva da universidade. A Idade Média, que viu surgirem as primeiras universidades, tinha uma experiência do real como algo já constituído e que estabelecia relações com outros reais. Por isso

a universidade do medievo cumpria mais a função de guardar e transmitir um saber estabelecido do que de gerar um novo saber.

Ao contrário da experiência do medievo, a experiência moderna é marcada por uma dinâmica operacional. Na modernidade, o real deixou de ser estático, já que aquilo que constitui o referencial da ação não era mais dado como pronto. No sentido moderno, todo o real está continuamente se realizando. Entender a velocidade das transformações pelas quais passa atualmente a instituição universitária é um problema que se impõe. É esta mudança que provoca a sensação de indisposição da comunidade universitária e leva à percepção da crise da instituição. Foi o sentimento de experimentar essa crise institucional que nos levou a procurar uma posição de observador, tomando a universidade como objeto de estudo, ou seja, levou-nos a articular uma vivência pessoal com uma experiência teórica a respeito da universidade.

Se o conhecimento é um processo teórico originado na prática e consiste em construir imagens para serem transmitidas, sujeito significa o ponto de vista sobre um determinado objeto. É do objeto universidade, inserido na complexidade de diferentes períodos históricos e, especialmente, no atual, que tratamos.

A seguir, visando proporcionar uma melhor compreensão do tema e sua descrição de forma analítica, vamos abordá-lo através dos seguintes tópicos: os pressupostos do estudo, os objetivos, a metodologia, os conceitos operacionais, o ângulo de análise, o estudo de caso e a estruturação do relato.

Os pressupostos do estudo

O conceito de universidade como uma comunidade do saber vem atravessando as épocas – desde o seu surgimento entre os séculos XI e XIII - e gerando sua legitimidade através da comunicação da mesma com a sociedade e a conseqüente produção de sentido.

Essa comunicação tem se complexificado, atingindo hoje um modelo reticular, onde a estrutura informacional disposta em forma de rede proporciona, de certa forma, o estabelecimento de uma interatividade à distância entre os atores sociais, simulando uma multipresencialidade. No entanto, a instalação desse modelo de comunicação e as formas de sociabilidade que dele resultam não excluem os anteriores, que coexistem num mesmo território: o moderno e o tradicional. No modelo moderno de comunicação, a estrutura

tecnocomunicacional é representada pela mediação da experiência imediata e proporciona a autonomia da linguagem em relação às demais dimensões da experiência, através da representação. Já no modelo tradicional, a comunicação é presencial e sua técnica é a oralidade. Neste último, a palavra e a realidade expressam a mesma verdade e não existe autonomia do grupo de referência em relação ao grupo de pertença.

A comunicação e a troca de significados têm renovado, ao longo dos tempos, uma comunidade universitária. Dessa forma, o sentimento de pertença tem se constituído em causa da duração da instituição. Já o enraizamento em um território tem sido fonte de construção de identidade da universidade.

Para entendermos esta última colocação, torna-se necessário atualizar o conceito de “comunidade”. Não mais a comunidade orgânica, entendida como antítese de sociedade, como a descrita por Ferdinand Tönnies^{xiii}, mas uma comunidade que pode coexistir com diferentes modelos de comunicação. Dessa forma pode de ser chamada, ao mesmo tempo, “vívida” ou “tradicional”- pois interligada por um modelo tradicional de comunicação, marcado especialmente pela oralidade; “imaginada” ou “simbólica” – pois mediada e representada pelos meios de comunicação de massa - e “virtual” – pois resultado de interações simuladas através de um sistema de comunicação disposto em forma de rede, onde a comunicação tem a característica de ser interativa e dar-se em tempo real.

O desafio da comunicação da universidade é encará-la como um ser mutante diante de uma nova ordem tecnocultural, ditada pela sociedade informacional, que se organiza sob a forma de uma grande teia. Para isso, é preciso repensar conceitos e estratégias.

Diante da ação desterritorializante do capital e das novas tecnologias de comunicação, a hipótese que norteia o nosso estudo de caso – e permite identificar de forma específica uma comunidade universitária em particular - é a de que as práticas cotidianas de comunicação da instituição podem auxiliar na busca de adequação do ensino universitário ao espaço local e ao homem que o habita, pois podem atuar como uma força territorializante, permitindo o encontro de um caminho singular, que contemple a diversidade, aplique o saber universal no local e encontre no mesmo aspectos universais.

Os objetivos

Este trabalho tem como objetivos:

- pensar a comunicação da universidade com a sociedade contemporânea e as transformações da instituição decorrentes dessa relação;
- reconhecer as práticas comunicacionais como responsáveis pela transformação de um modelo abstrato ou ideal em universidades concretizadas em diversos tempos e espaços e
- identificar a ação dos modelos de comunicação – tradicional, moderno e reticular – nas formas de sociabilidade e de possibilidades de existência das comunidades universitárias.

Especificamente, com relação ao estudo de caso da UFSM, objetivamos mapear os processos e práticas de comunicação, refletir sobre esses processos e práticas frente às mutações da sociedade atual e visualizar a universidade que se concretiza através do enfrentamento das práticas comunicacionais da instituição com as configurações da sociedade contemporânea.

A metodologia

Comunicação e sociabilidade são os postulados fundamentais desta tese, do ponto de vista epistemológico, no que tange à comunicação.

Como fio que tece o relato utilizamos a categorização proposta por Adriano Duarte Rodrigues^{xii}, que identifica três modelos de comunicação - tradicional, moderno e reticular – relacionando-os com formas de sociabilidade.

Apesar de fundamentar-se nesse postulado, a tese não se atém exclusivamente a ele. Como lembra Muniz Sodré, os modelos têm ação redutora e, mesmo que sejam úteis para a organização de pressupostos teóricos, “é preciso, entretanto, não perder de vista que os modelos constituem apenas uma angulação, uma perspectiva quanto ao dinamismo das formações sociais”.^{xii}

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da triangulação^{xii}, ou seja, a combinação de metodologias diversas no estudo do mesmo fenômeno, tendo por objetivo abranger uma maior amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo. Dessa forma, consideramos: os processos e produtos comunicacionais originados na Universidade utilizada como estudo de caso - através das técnicas de observação, realização de entrevistas e aplicação de questionários; os elementos produzidos pelo meio no qual a universidade está inserida – documentos, atas e publicações relativos à instituição universitária e ao sistema de ensino

superior; e os produtos originados na estrutura sócio-econômica e cultural na qual está inserida a instituição.

Os conceitos operacionais

A fim de apreender a atual configuração sócio-comunicacional, utilizamos alguns conceitos que, apesar de fazerem parte de longas cadeias de pensamento, serão apenas lembrados como pontos de apoio para o percurso que pretendemos percorrer.

O conceito de “visibilidade” é entendido aqui como a tecnologia disponível em cada época – regimes de luz e dispositivos de visibilidade- conforme as considerações de Michel Foucault.^{xii}

A noção de “legitimação”, como o processo de explicação e justificação das instituições perante às novas gerações, conforme descrito por Peter Berger e Thomas Luckman.^{xiii}

O conceito de “deslegitimação” é entendido como o não reconhecimento das práticas discursivas de representação de uma instituição. Especialmente no sentido utilizado por Jean-François Lyotard^{xiii}, que faz uso do termo para designar a situação atual das práticas legitimatórias da universidade, em decorrência, especialmente, do processo de operacionalização da instituição, ou seja, da sua abertura para a sociedade e o mercado.

Os “modelos de comunicação e formas de sociabilidade: tradicional, moderna e reticular”, conforme preconizado por Adriano Duarte Rodrigues e já descritos anteriormente.

O conceito utilizado por Muniz Sodré para definir “território” é empregado por nós com o mesmo sentido de “lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a protoforma de qualquer cultura: sistemas de regras de movimentação humana e de um grupo, horizonte de relacionamento com o real”.^{xiii} Também empregamos o conceito de “territorialização”, proposto pelo mesmo autor, como “a força de apropriação exclusiva de um espaço e que resulta de um ordenamento simbólico, sendo capaz de engendrar regimes de relacionamento, relações de proximidade e distância.”^{xiii}

Os conceitos de “desterritorialização” e “reterritorialização” estão baseados, respectivamente, em Milton Santos^{xiii} e Muniz Sodré^{xiii}. O primeiro significa a desculturalização e o segundo o fenômeno que devolve ao indivíduo a capacidade de reconhecer-se frente a outros, a possibilidade de intervir em sua realidade e construir um projeto coletivo de identidade frente à realidade global.

Para a noção de “comunidade”, utilizamos as releituras de vários autores feitas por Raquel Paiva^{xii} e para “comunidade universitária” partimos do conceito que a define como “comunidade (mais ou menos) autônoma de mestres e alunos reunidos para assegurar o ensino de um determinado número de disciplinas em nível superior.”^{xii}

Área “geo-educacional”^{xiii} foi entendida, conforme proposto por José Mariano da Rocha Filho, no sentido de comportar as regiões que enviam alunos para estudar na universidade, com a quais a instituição deve estabelecer um relacionamento efetivo - através da aplicação de parte de suas pesquisas e atividades - procurando um perfeito equilíbrio entre terra, homem e educação.

Estes e muitos outros autores nos acompanham nesta tentativa de entender a comunicação da universidade contemporânea, de tal modo que utilizaremos a primeira pessoa do plural para fazer este relato, embora a tendência atual seja a de utilizar a primeira pessoa do singular. Acreditamos que o nosso caminho é particular, tal como o dos que utilizam a primeira pessoa do singular, mas trilhado em muitas companhias, o que justifica o uso do plural.

No decorrer deste trabalho, propomos pensar o *núcleo abstrato* da universidade como uma “comunidade do saber”. No nosso entendimento, é este aspecto de comunhão intelectual que consegue atravessar as sucessivas concepções e concretizações da universidade, desde sua origem até os dias atuais. É essa mesma característica que nos permite continuar pensando a universidade e imaginando suas possíveis e plurais concretizações, denominadas neste estudo como *universidades concretas*.

Utilizamos também o termo *coexistenciabilidade* para designar a possibilidade de coexistência de diferentes tipos de comunidades, resultantes de relações imediatas ou mediadas pelos meios de comunicação, ou seja, para dar conta da possibilidade de existência de diferentes tipos de comunidades - que incluem desde a comunidade tradicional, passando pela comunidade imaginada e chegando à virtual - num mesmo espaço. Essa compreensão a respeito da coexistência de configurações de comunidades faz com que um de seus modelos não exclua o outro, já que são frutos de formas de sociabilidade oriundas de relações comunicacionais que também coexistem num mesmo território.

O ângulo de visão

Diante do novo cenário tecnocultural, interessa-nos visualizar a universidade atual, que se transforma através das práticas comunicacionais. Continuando o recorte, podemos dizer que o

nosso interesse recai sobre a universidade brasileira e, ajustando ainda um pouco mais o foco, diríamos que recai sobre a universidade pública brasileira. E, se quisermos orientar ainda mais o olhar, este recai sobre a universidade pública do interior do Brasil.

Durante a análise, não adotamos uma posição aliada a uma compreensão dos autores ditos modernos ou dos ditos pós-modernos. Por isso utilizamos os termos “contemporaneidade” e “atualidade” para nos referirmos ao contexto atual. Nosso pressuposto é que houve e continuam a ocorrer rupturas fundamentais em todos os campos, em relação ao que se poderia considerar um modelo moderno, que nos impõem a urgência de uma compreensão diferenciada através da utilização de novos conceitos ou, mesmo, da utilização de conceitos já cunhados mas que, ao serem chamados ao diálogo, podem fazer mais do que negar ou concordar com uma proposição. Eles podem, quem sabe, ser reinterpretados, atualizados à luz de novos acontecimentos. Buscamos, então, situar-nos nesse “entre”, quando nosso objeto de estudo está num momento de mudança percebido pelo nosso olhar. Momento rico, pois são muitas as possibilidades; desafiador, porque são poucas as certezas.

O estudo de caso

Visando a uma delimitação espaço-temporal, este trabalho conta com um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM), resgatando a sua concepção fundadora e analisando suas condições atuais de comunicabilidade. Acreditamos que o estudo de uma instituição brasileira, implantada em 1960, pode fornecer subsídios importantes para pensar como o conceito de “universidade” se concretizou em um determinado local.

A metodologia do estudo de caso foi composta por quatro etapas:

A primeira delas realizou um resgate da história da UFSM através de uma pesquisa bibliográfica em livros (incluindo seu projeto fundador) e notícias publicadas em jornais e revistas datadas da época de sua fundação.

A segunda verificou documentos pertencentes ao Arquivo Geral da Instituição procurando, através de atas e outros documentos, identificar os órgãos de comunicação que já existiram na Universidade.

A terceira visou levantar a malha privada de comunicação da área geo-educacional da Instituição. Consideramos como malha de comunicação os veículos de comunicação pertencentes à área geo-educacional da UFSM e, como área geo-educacional, a região responsável pelo fornecimento de alunos para a Universidade. A técnica de coleta de dados consistiu na aplicação

de questionários, efetuada pelos alunos da disciplina Sistemas Internacionais de Comunicação do Curso de Comunicação Social da UFSM, aos responsáveis pelos veículos de comunicação de suas cidades de origem, durante dois anos consecutivos.

Na quarta etapa foi realizado um mapeamento do campo de produção de informação em diversos setores da universidade: Centros de Ensino, Cursos de Graduação e Pós-graduação, Órgãos de Apoio Administrativo e Suplementares. Os dados foram coletados através de entrevistas e aplicação de questionários aos responsáveis pelos diversos setores.

A estruturação do relato

Iniciamos nossa reflexão descrevendo os modelos comunicacionais tradicional, moderno e reticular - categorizados por Adriano Duarte Rodrigues - e as formas de sociabilidade deles resultantes. Mesmo que os modelos de comunicação e as respectivas formas de sociabilidade coexistam num dado espaço, procuramos pensar como o desenvolvimento crescente das novas tecnologias e das redes reticulares de comunicação têm se imposto como uma espécie de estrutura básica das práticas e organizações. As mudanças no âmbito comunicacional repercutem na instituição universitária, provocando alterações fundamentais nas suas formas de concretização.

No segundo capítulo, procuramos entender a instituição universitária através de um resgate histórico de algumas de suas principais concepções, especialmente as ligadas ao Estado-Nação na modernidade. Pretendemos com isso abrir um caminho para visualizar as *universidades concretas* como resultantes das relações comunicacionais estabelecidas pelas instituições – que, sob um aspecto teórico, foram agrupadas em modelos - com a sociedade de seu tempo.

No terceiro capítulo, tratamos das práticas comunicacionais e das legitimações. Descrevemos como - com a quebra da tradição e a instalação de uma nova racionalidade - coube à universidade ser o local por excelência desse saber. A construção da legitimação da instituição passou, desde a sua criação, por práticas que incluíam desde rituais até a ostentação externa da arquitetura. Na modernidade, as práticas de legitimação voltam-se para o interior da própria instituição. Coube a esta época a organização do espaço próprio – a cidade universitária - que foi pensado para possibilitar o crescimento e a consolidação das ciências, numa época em que a

ciência era legitimada pela filosofia. Na atualidade, ocorre a transferência da cena de legitimação para os *mass media* e a reestruturação da própria instituição universitária, tendo a comunicação^{xii} como suporte e o mercado como financiador. Abordamos, ainda, a questão da identidade como construção, como resultado de um relacionamento permanente da instituição consigo mesma e com o meio no qual está inserida.

No quarto capítulo, tentamos compreender as práticas comunicacionais contemporâneas da universidade com base nos conceitos de território, territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Desta forma pretendemos abrir caminho para pensar a comunidade universitária de hoje, bem como a pertinência da utilização da noção de comunidade na contemporaneidade, num momento em que assistimos a uma completa desestabilização das bases territoriais das instituições modernas e à instalação de um modo de funcionamento da sociedade cuja base é o sistema reticular de comunicação.

No quinto capítulo, procuramos entender as possibilidades de existência e constituição da comunidade universitária, descrevendo as variações de suas possíveis conformações como decorrentes de práticas comunicacionais. Analisamos a coexistência de comunidades tradicionais, imaginadas e virtuais, na atualidade, e sua atuação nos projetos de identidade e diferenciação coletiva frente ao mundo global.

No sexto capítulo, analisamos os resultados do estudo de caso realizado de 1995 a 1998, a respeito das práticas de comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Nele apresentamos as quatro fases do estudo: a primeira constituída por um resgate da história da UFSM, ressaltando alguns dos seus pontos de identificação^{xii}; a segunda compreendida por um breve histórico de sua comunicação institucional; a terceira realizada através de um levantamento do território concreto sobre o qual a Universidade exerce influência e a quarta representada por uma avaliação *in loco* dos seus processos e práticas de comunicação.

Os resultados da primeira fase propiciam o resgate da concepção fundadora e dos acontecimentos que acompanharam a criação e os primeiros anos de funcionamento da UFSM, permitindo visualizar alguns de seus principais pontos de identificação.

Os resultados da segunda etapa permitem uma visão das estruturas utilizadas pela UFSM, desde a sua fundação, no sentido de efetuar a sua comunicação.

Os resultados da terceira resgatam um importante fator de identificação da Universidade que é a sua área geo-educacional. Acreditamos que essa forte inserção regional não inviabiliza as

práticas desterritorializadas contemporâneas (tais como a educação à distância e os convênios que possibilitam atuações conjuntas da Universidade com instituições nacionais e internacionais). Ao contrário, o interesse demonstrado pelas comunidades próximas e as trocas renovadamente efetuadas com as mesmas podem constituir-se em fontes de raízes que levem à constituição de uma identidade legitimadora da instituição e à renovação do projeto no qual se assentam suas práticas educativas, investigativas e extensionistas.

Os resultados da quarta etapa dizem respeito às práticas de comunicação exercidas por diversos setores da Universidade e nos indicam através de quais ações cotidianas eles pretendem mostrá-la aos seus interlocutores e, ainda, como os dirigentes de diversos setores da Universidade percebem a questão.

O estudo de caso resultou de nossas práticas e investigações que se prolongaram por mais de quatro anos. Ele constitui o chão no qual nos apoiamos para dialogar teoricamente com diversos autores e tentar entender a nossa própria realidade.

Considerações Finais

Acreditamos ser pertinente pensar a universidade como uma comunidade do saber, representada não apenas pelas concepções de diferentes épocas mas, principalmente, como uma idealização que se concretiza a partir de um local.

Assumindo a pluralidade do termo comunidade, considerando as suas várias possibilidades de existir e as diferentes formas possíveis de pertencer, podemos interpretar e encontrar uma condensação no conceito de universidade como o lugar onde são discutidas as práticas e idéias, o lugar do humano. A universidade pode ser entendida, então como o habitat do dissenso, da busca, o lugar de por em comum a diversidade do saber.

Os três modelos de comunicação – tradicional, moderno e reticular perpassam as formas de construção da identidade institucional. Além disso, a complexidade da instituição universitária faz com que ela tenha uma dupla identidade: a identidade legitimatória – ligada ao Estado-Nação e que temos visto enfraquecer com a passagem do modelo moderno para o atual e a identidade de projeto – construída pelas comunidades universitárias em diferentes espaços e temporalidades.

Notas e Referências Bibliográficas

- ^{xii} *Núcleo abstrato* é considerado aqui como o “incorporal” do conceito de universidade, o que perdura nas diferentes concretizações da instituição.
- ^{xii} DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.p.17.
- ^{xii} Id. Ibid. p.31.
- ^{xii} Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro. Editora 34, 1992. p.120.
- ^{xii} TÖNNIES, Ferdinand. **Comunidad y asociación** – El comunismo y el socialismo como formas de vida social. Barcelona: Ed. Península, 1979.
- ^{xii} Cf. RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Questão comunicacional e formas de sociabilidade. Lisboa: Presença, 1990 e, do mesmo autor, **Comunicação e Cultura**. A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994.
- ^{xii} SODRÉ, Muniz. **O social irradiado**. São Paulo: Cortez, 1992. p.16.
- ^{xii} GOLDBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999. p.63.
- ^{xii} FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1986 e, do mesmo autor, **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- ^{xii} BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ^{xii} LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- ^{xii} SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a Cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- ^{xii} Id. Ibid.
- ^{xii} SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1993.
- ^{xii} SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. Op. cit.
- ^{xii} PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ^{xii} CHARLE, Christophe e VERGER, Jacques. **História das Universidades**. Op.cit.
- ^{xii} MARIANO DA ROCHA FILHO, José. **USM, A Nova Universidade**. Porto Alegre: ASPES/GLOBO, 1962.
- ^{xii} KUNSCH, Margarida M.K. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992.